

“O QUÊ A GENTE TÁ GANHANDO AQUI, A GENTE TÁ PERDENDO LÁ”: Notas sobre (des)construção de uma paternidade em trânsito

“WHAT WE ARE GAINING HERE, WE ARE LOSING THERE”: Notes on (de)construction of fatherhood in transit

Diane Portuguese¹, Cecília Pescatore Alves²

Correspondencia:
Diane Portuguese
dportuguese@gmail.com

RECIBIDO: NOVIEMBRE 2024 | PUBLICADO: AGOSTO 2025

Resumo

Este estudo parte da pesquisa realizada com ítalo-brasileiros do sul de Santa Catarina no Brasil, trabalhadores em sorveterias na Alemanha, entrevistados entre 2020-2024. **Objetivo:** foi investigar a dinâmica destes trabalhadores, que apresentam questões ligadas à política de identidade de seu Município e dificuldades da vida entre lugares, pois vivem entre dois países. A peculiaridade apresentada pelos casos instigou a exploração de interfaces da problemática implícita a este movimento migratório. **Método:** Optou-se pela escolha de um caso, estudado em profundidade. Investigamos a construção da identidade paterna frente à vivência de deslocamento e à situação da permanência dos filhos no Brasil, à luz da Psicologia Social Crítica. Analisamos a História de Vida de um pai que deixou a filha no Brasil para continuar seu trabalho na Alemanha. Exploraram-se temáticas como masculinidade, arranjos familiares, planos de vida e consequências das políticas de identidade para os relacionamentos e saúde mental dos envolvidos. **Resultados:** os resultados apontaram como a identidade paterna atrelada ao contexto de dificuldades financeiras pode ressaltar a exacerbação do papel ideológico e crença na performance creditada ao masculino. Tal crença nesta identidade mito dificulta a elaboração dos problemas no presente, inviabilizando o vislumbre do futuro e surgimento de personagens com potencial emancipatório.

Palavras-chave: Liminaridade; Paternidade; Imigração de trabalho, Políticas de Identidade; Identidade Masculina.

Abstract

The text is based on research carried with Italian-Brazilians from the south of Santa Catarina in Brazil, workers in ice cream shops in Germany, interviewed between 2020-2024. **Objective:** The dynamics of these workers presents issues linked to the identity politics of their Municipality and the difficulties of life between places. The peculiarity presented by the cases instigated the exploration of interfaces of the problems implicit in this migratory movement. **Method:** We investigated the construction of paternal identity in the face of the experience of displacement and the situation of the children's stay in Brazil, in the light of Critical Social Psychology. We analyze the life story of a father who left his daughter in Brazil to continue his work in Germany. Topics such masculinity, family arrangements, life plans and the consequences of identity politics for the relationships and mental health of those involved were explored. **Results:** The results showed how paternal identity linked to the context of financial difficulties can highlight the exacerbation of the ideological role and belief in performance credited to masculinity. Such belief in this mythical identity makes it difficult to work through problems in the present, making impossible to glimpse the future and the emergence of characters with emancipatory potential.

Keywords: Liminality; Fatherhood; Labor Immigration; Identity Politics; Masculine Identity.

INTRODUÇÃO

Este texto apresenta estudo decorrente de pesquisa desenvolvida sobre imigração de ítalo-brasileiros de Urussanga, sul de Santa Catarina, para a Alemanha (Portuguesis, 2018). A análise das narrativas coletadas revelou questões específicas durante a pandemia de Covid-19, que motivaram a continuidade da investigação sobre esse movimento migratório. A dinâmica migratória no período pós-pandêmico acentuou o sofrimento desses imigrantes, que tradicionalmente realizavam idas e vindas anuais entre Alemanha e Brasil, mas tiveram essa pendularidade prejudicada em 2020 e 2021. Com a flexibilização das exigências sanitárias e a vacinação, observou-se um aumento do trânsito desses ítalo-brasileiros rumo à Alemanha, impulsionado pelo declínio econômico de sua região de origem. Esse movimento migratório começou nos anos 90, visando trabalho na Europa e a manutenção da italianidade por meio do retorno às origens. Urussanga-SC, colonizada por italianos de Longarone, é reconhecida como o município mais italiano do Brasil, preservando tradições por meio de festas, produção de vinho, ensino do idioma italiano nas escolas e apoio à emigração de jovens para sorveterias gerenciadas por italianos na Alemanha.

Neste artigo, destacamos o processo de construção da identidade paterna diante da experiência de deslocamento e da situação de permanência dos filhos no Brasil, enquanto os pais trabalham temporariamente na Alemanha. Abordamos as temáticas de masculinidade, arranjos familiares, planos de vida e as consequências das políticas de identidade para os relacionamentos e a saúde mental dos envolvidos.

Escopo teórico

Trabalhadores ítalo-brasileiros com passaporte italiano são recrutados para trabalhar nas sorveterias italianas na Alemanha, onde acabam permanecendo por longos períodos sem aprender alemão ou buscar empregos em outras áreas. Atraídos pela promessa de ganhos financeiros rápidos e moradia gratuita,

muitos relatam abuso e autoritarismo por parte dos patrões italianos. Em sua maioria são casais que viajam juntos na esperança de economizar para retornar ao Brasil e construir suas vidas. No entanto, a situação de liminaridade (Turner, 2013) em que vivem prejudica sua condição psicológica, bem como a de seus familiares que aguardam seu retorno definitivo, que não ocorre, permanecendo estas pessoas em permanente deslocamento entre Brasil e Alemanha. Além disso, observa-se uma dinâmica de trabalho que se assemelha a um contexto de escravidão: extenuantes jornadas de trabalho, com poucas pausas, lotação das moradias organizadas pelos patrões nos próprios locais de trabalho, não pagamento de horas extras, ou contratos de trabalho em desacordo com as horas trabalhadas/ acúmulo de funções.

A violência presente nesse tipo de trabalho expõe as injustiças do capitalismo em um país subdesenvolvido, fazendo com que os trabalhadores se tornem “prisioneiros do superficial e aparente” (Martins, 2023, p. 14). Esse cenário de “escravidão” não se refere ao trabalho não assalariado, mas às condições precárias e à relação de subjugação impostas aos trabalhadores, que acreditam não ter outra escolha para sobreviver (Martins, 2023).

Ricardo Antunes (2020, p. 22, 25) fala sobre o “privilegio da servidão” e o surgimento de um “novo proletariado de serviços”, onde o trabalho é invisibilizado e a instabilidade torna-se parte essencial das novas formas de trabalho. O desrespeito ao trabalho imigrante, fundamental para o sistema capitalista, revela contradições que minam a condição humana.

A condição dos trabalhadores ítalo-brasileiros nas sorveterias na Alemanha não impacta apenas suas vidas profissionais, mas também sociais, familiares, culturais e políticas. Mesmo diante de condições precárias, os imigrantes acreditam estar em uma situação melhor do que no Brasil, o que perpetua a precarização e informalidade do trabalho. A ideia de servidão voluntária, transformada em mito do trabalho autônomo, faz com que os trabalhadores acreditem ter controle sobre sua situação laboral, quando na verdade estão em constante busca pela manutenção de um emprego precário (Antunes, 2020).

O desamparo vivenciado pelos trabalhadores é evidenciado pelas políticas coercitivas de identidade desde suas cidades de origem, com o culto às tradições italianas e a busca pela cidadania italiana como forma de garantir trabalho na Europa sendo conceitos arraigados desde cedo (Portuguesis, 2018). Este ambiente contribui para a formação de futuros trabalhadores de sorveterias, perpetuando o ciclo de precarização do trabalho diante das expectativas de uma vida melhor no exterior.

Aponta-se que a vulnerabilidade do grupo dos sorveteiros é abordada pela ideia de hospitalidade condicionada (Derrida, 2003, citado por Redin, 2022) e pelos desafios da perda e do não pertencimento efetivo (Said, 2003; 2021), apesar da posse do documento europeu. A hospitalidade condicionada tolera os imigrantes, sem convidá-los a se integrar (Redin, 2022).

Os sorveteiros experimentam dupla exclusão na sociedade alemã: são excluídos de seu país de origem devido condições econômicas precárias e são excluídos das interações sociais no país de acolhimento, devido à estrutura de suas jornadas de trabalho e à falta de tempo livre para buscar integração. Isso compromete sua autonomia e viola seus direitos fundamentais (Redin, 2022) não há meios para participação sócio-política na sociedade que habitam. A dinâmica migratória e o trabalho subjugado aos empregadores, sem possibilidade de integração na vida social local, resultam em uma existência provisória, conforme Sayad (1998). O modo como se dá a dinâmica migratória e de trabalho, sem tempo para descanso e acesso a integração ao cotidiano social, forjam a existência em provisoriedade; em termos de Sayad, permanente.

O arcabouço teórico elaborado aborda a constituição da identidade, analisando as nuances constitutivas da estrutura do trânsito e da (im)permanência no Brasil e Alemanha. O estudo considera a busca pelo pertencimento identitário evidenciado nas entrevistas. Os participantes desta dinâmica migratória e identitária, ao vivenciar o estímulo e a performance do seu pertencimento, encontram-se em uma experiência entre (não)lugares (Augé, 2017).

A fundamentação das concepções adotadas neste estudo está na Psicologia Social Crítica, que busca

entender interações entre projetos de vida individuais e fatores histórico-sociais (Miranda, 2019). Autores como Lane (1984), Lima (2010) e Lima et al. (2009) contribuem para uma análise contextualizada das questões sociais e psicológicas no Brasil. Ciampa (2001) discute a identidade como uma construção dinâmica em constante movimento, que não busca uma estagnação em um status almejado, mas sim o sentido da identidade como um processo de transformação contínua. Aborda a compreensão de como se estruturam metamorfoses via contexto social, emancipação ou regulação. Alves (2021) ressalta a importância de analisar os fenômenos psicológicos como parte da formação social do indivíduo na interação entre objetividade e subjetividade.

MÉTODO

Partindo deste contexto teórico foi utilizado o método de análise de História de Vida (Antunes, 2012) para investigar e atingir o objetivo proposto, entrevistando trabalhadores em sorveterias na Alemanha no período de 2020 a 2024. Um estudo de caso foi analisado a partir de uma entrevista com Renan, que vive entre Brasil e Alemanha há sete anos, sendo pai e com a filha morando com os avós em Santa Catarina, enquanto ele e a esposa trabalham na Alemanha e visitam a família durante as férias no Brasil.

Foram tomadas todas as medidas éticas, conforme aprovação do comitê de ética em pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Apresentamos termos de consentimento livre e esclarecido, constando objetivos da pesquisa ao participante, que assinou sua concordância. Medidas como alterações de nomes e locais de residência foram tomadas para fins de sigilo.

Uma entrevista em profundidade foi realizada em abril de 2024, por telefone celular e aplicativo de mensagens, gravada para análise posterior. A escolha desse método foi justificada pela ideia de que a singularidade do entrevistado reflete a pluralidade de seu grupo, conforme Alves (2017), com o sujeito emblemático representando tendências do grupo, conforme Griebeler (2015). A escolha por este caso, além de representar tendências do grupo de

imigrantes deste estudo, ressalta a peculiaridade de sua condição. O narrador escolhido foi o único pai entre outros entrevistados. Em geral eram mães dispostas a compartilhar suas experiências. Cabe apontar o caráter interventivo da pesquisa qualitativa, evidenciado pelo interesse do entrevistado em refletir sobre sua condição durante o relato, seguindo Yin (2001), Durand (2015) e Muylaert et al. (2014).

A pesquisa explorou as experiências vivenciadas por Renan, enfatizando o processo de metamorfose na compreensão do movimento identitário, conforme discutido por Ciampa (2001), Lima (2014), Lima & Ciampa (2017) e Veiga & Alves (2020). A análise da narrativa foi embasada na ideia de que a identidade nunca é completamente reconhecida, mas sim apreendida em momentos específicos, como defendido por Ciampa (2001). Buscou-se “um caminho no qual os significados e sentidos são relacionados, fazendo emergir a metamorfose através da qual se constitui o processo da identidade” (Alves, 2017, p. 40).

RESULTADOS

Construindo a paternidade em trânsito

Renan, um ítalo-brasileiro de 32 anos, está na sétima temporada na Alemanha, onde trabalha com sua esposa em busca de uma vida melhor. Apesar das dificuldades, encontrou um emprego estável em uma sorveteria e planeja permanecer até ter dinheiro suficiente para retornar ao Brasil e proporcionar qualidade de vida à filha. Assim como muitos emigrantes de sua região, Renan busca um futuro mais promissor no exterior, lidando com os desafios e a saudade de casa.

A gente sofre! era pra desistir, mas tamos aqui. Nossa, foi bastante difícil! Pra mim e pra minha mulher, mas principalmente pra ela. A gente tem que carregar a cruz por ela né, senão se a gente demonstrar fraqueza, é, daí acaba né, a gente sente por dentro né, mas a gente não demonstra, não pode demonstrar, fica abalado, fica triste, que é difícil. A gente tem que

sempre motivar ela, a querer ficar. E deu certo. Hoje estamos num trabalho bom, super bem aqui. É o que importa. É meu terceiro trabalho aqui. E desse eu não mudo mais até o fim da minha temporada, pretendo ficar.

Renan, ancorado na personagem, “sofredor”, já no início da entrevista demonstrou grande preocupação com a mulher, mencionou a força que acredita ter que fazer para abarcar o sofrimento de ambos e mantê-la firme, trabalhando na Alemanha. Percebemos na narrativa suas angústias: “tenho que ser forte, para mim e para os outros, eu guardo tudo para mim”.

Renan narra a descoberta da gestação de sua filha.

[...] não sabia se eu ficava feliz ou triste, imagina, eu ser pai, eu me considero um jovem, tenho 32 anos, eu pai né? Ai falamos com toda a família, todos gostaram, e ela começou a ser acompanhada pela obstetra [...] e foi se passando os mês, e ela trabalhando ainda, poderia vir embora até na sexta semana, pra vir pro Brasil, porque a gente tava pensando em ganhar aqui, ou ganhar no Brasil, essa era a dúvida, todos diziam: não, tu ganha aqui, ganha na Alemanha, vai ter direito de tudo, tem plano... Mas, o que a gente tem de experiência aqui na língua, é no dia a dia, no trabalho, a gente se vira, mas quando entra em questão de médico, a gente não sabe falar, e se torna um pouco difícil.

Renan descobre a gravidez da esposa de forma inesperada ao retornar de férias no Brasil para a Alemanha. Ele se sente sobrecarregado com a surpresa e a dificuldade de lidar com a situação em um país onde vive há sete anos, sem dominar o idioma e com poucas relações sociais. Mesmo com o apoio dos amigos, surge o “imigrante-futuro-pai-inseguro”.

Quando se encerra a temporada, a gente fica sozinho, quem iria nos ajudar, ter que ir pro hospital sozinho, que cuidar dessa criança sozinho, a gente teria que alugar uma casa, nosso chefe não ia aceitar isso, aqui a gente não paga aluguel, não paga nada e a gente se obrigaria a procurar uma casa e sem

trabalho, porque até que se iniciasse a temporada em fevereiro e a gravidez tava marcada pra outubro [...] deixamos rolar, ainda tinha tempo, e chegou na semana de fazer o morfológico, na vigésima semana, ela foi acompanhada com uma amiga que é turca e fala alemão, fala português e italiano, ajuda bastante a gente e toda consulta ela ia acompanhada com ela e nessa época não poderia entrar, é eu nunca entrei na consulta, nos ultrassons, porque era época de covid, entrava apenas um acompanhante, eu deixava a amiga entrar pra traduzir, porque eu não ia entender e nem ela, nesse dia, fui eu. Entrei no dia do morfológico, conheci a médica e ela disse que minha filha ia nascer com fenda lábio palatina. E a gente perguntou, o que é isso? Ela explicou que é um pequeno burquinho na gengiva e quando ela foi mostrar pra nós no computador [...] quando fui ver, crianças, um pouco deformadas no rosto. Alí caiu meu chão, caiu tudo, eu comecei a chorar, ela começou a chorar, ela deixou nós um pouco a sós no consultório e sem saber o que era, pra nós era uma doença irreversível que nunca ia ser curada, então daí ela disse que aqui tem tratamento, na Alemanha, que são profissionais, que é tudo grátis, ela vai ser atendida do começo ao fim e tal e então marcamos uma consulta pra próxima semana num hospital especialista.

Ao retornarem à hospedagem da sorveteria, a tristeza se tornou mais evidente e os pensamentos negativos dominaram o narrador. Surge a personagem “imigrante-assustado-futuro-pai-de-criança-com-má-formação-congênita”.

Chegamos aqui sem chão, desde então foi decaindo, aquela tristeza porque, pesquisando, procurando no google e perguntando, vendo vídeos, me perguntava por que eu [...] o homem, pelo menos eu penso que no meu papel, eu tenho que ser, tem que ser mais forte, carregar ela, não demonstrar fraqueza, pra não desabar totalmente, ser sempre o pilar dela. E decidimos ir embora, voltar pro Brasil, ganhar no Brasil, mesmo sabendo que aqui a gente ia ter tudo grátis, pelo plano de saúde. Mas ela ficou tão abalada,

e sem chão que queria ficar ao lado da família e eu também não queria mais ficar aqui, não queria ganhar aqui, sabia que ia ser muito difícil, mesmo, ela vai ser uma cidadã alemã, ter vários direitos e receber bastante dinheiro do governo porque filhos e tal. Bom, perfeito, mas, quando acontece esse tipo de coisa a gente não pensa nessas coisas, a gente só pensa em ficar do lado da família, o apoio, e seja o que deus quiser!

Nesse momento, o narrador se apresenta como “homem-que-tem-que-ser-forte” e, apesar de seu sofrimento, busca tomar as rédeas da situação, apoiando a decisão de retornar ao Brasil.

Independente se no Brasil a saúde é mais precária, mas família tá ali, as nossas raízes tão ali. E daí foi embora. Trabalhou até a semana que podia ir pela companhia aérea [...] três dias de vencer esse prazo ela foi pro Brasil e eu fiquei aqui, pensando é uma coisa que vai se precisar pagar.

Renan entra em contato com um centro de saúde no Brasil onde é informado que sua filha passará por diversas cirurgias reparadoras. Em razão dos gastos futuros, permanece na Alemanha e sua esposa retorna para o Brasil.

... continuei aqui porque a gente tinha pouco dinheiro e a gente precisava, no fim, tudo se resume ao dinheiro, se tu quer ter alguma coisa, fazer alguma coisa na saúde ou na doença é o dinheiro que conta, que fala mais alto...

Com a esposa no Brasil, as notícias que chegam até ele não são animadoras. Alto risco de morte para a bebê e gastos no porvir assolam o “homem-que-tem-que-se-manter-forte”.

E aí ela foi pro Brasil, procurou os seus, os médicos profissionais e todos diziam que ela talvez não sobreviveria, que talvez seria uma cirurgia perigosa, complexa, que poderia fazer ela não respirar, ou vir prematura e ficar na UTI, talvez ela não vai conseguir

se alimentar, vai precisar usar sonda, quando ela ia fazer os ultrassons, lá no Brasil, e quando ela me falava isso eu ficava, meu deus... Por quê?

Renan compartilha que não foi uma experiência de gestação feliz, a espera pela bebê foi de apreensão. “Ela vinha com aquele negócio, era assim que a gente chamava, o que é isso, meu deus?”. Terminada a temporada de trabalho, em outubro, retorna ao Brasil, dias antes do nascimento da filha. Pesaroso por ter perdido os últimos três meses de convivência com a esposa grávida, os últimos acontecimentos vividos, novamente é tomado de assalto pela notícia que a esposa não queria ter parto normal, acreditando que a bebê precisasse de um aparato médico hospitalar de alta complexidade. Em sua crença isso só ocorreria em um parto cesariana, particular. O “homem-que-tem-que-se-manter-forte” tranquiliza a esposa e, ainda assustado com o valor do parto, garante à esposa que resolverá a situação: “você quer parto cesariana, é isso que você vai ter”.

Outro encontro amedrontador foi aquele com o corpo clínico, em Joinville. Por se tratar de um centro de referência para crianças com fenda lábio palatina, Renan viu-se angustiado com as perspectivas trazidas pelos médicos, pelo tamanho das equipes que cuidavam dos casos.

Fomos pra Joinville, pra gente conhecer, tentar ficar mais calmo que é o que a gente procurava, a gente viu muitas crianças daquele jeito, eu não queria olhar, eu tinha medo de olhar, de chorar, de ter uma crise de ansiedade, porque eu já tive várias crises de ansiedade há dez anos atrás, mas eu não queria sentir aqueles mesmos sentimentos, aquela coisa ruim e eu quase não olhava para as crianças, eu tinha medo [...] a gente foi conversar com os médicos: nos primeiros meses ela vai fazer a primeira cirurgia e depois ela vai fazer outra e vai ser um tratamento de no mínimo 20 anos. Ela vai ser acompanhada pelos profissionais, pensei meu deus! Entre dentista, fono, pediatra, psicólogos, cardiologistas e aquela parte que vê a genética das crianças, o médico que vê a genética e faz o acompanhamento [...] assustou mais

a gente, meu deus, 20 anos essa criança sofrendo, que preconceito que ela vai ter na escola? e a pediatra também dizia que muitas crianças que nascem com má formação podem vir com outras anomalias, como síndrome de down, outro tipo de deficiência mental. Mas daí caiu o mundo de novo, eu fui forte, fui forte, fui forte, fomos embora.

Após o médico combinado não aparecer, a esposa de Renan resolveu voltar para casa, mas as dores do parto ficaram intensas. No dia seguinte, ele encontrou uma associação que realizou o parto por um preço menor e a internação foi feita rapidamente após o pagamento. Mudanças se manifestam na identidade do narrador ao adquirir novas características: o “homem-que-tem-que-ser-forte-e-resolver-tudo-em-tempo-record”.

[...] começou aquela ansiedade, fomos pro quarto, pra sala, quando ela veio, o médico saiu correndo, não deixou eu pegar ela no colo, levou pra sala e a enfermeira me chamou e disse: papai vai com ela. Só que minha esposa correu risco de vida porque ela defecou, minha esposa tava caindo a pressão e tava morrendo e conseguiram dar volta, ainda bem que não me disseram nada, disseram depois[...] deu tudo certo, eu fiquei com a minha filha e quando vi, chorei de felicidade, não de tristeza, ela não precisou de nada que disseram, com 3 quilos e duzentos. Mas enfim, deu tudo certo, a gente veio embora e agora? Sete dias, depois que ela nasceu, chamaram nós pra ir pra Joinville, pra consultar, porque tinha que ser rápido.

Renan, recém-pai, enfrenta alegrias e desafios com o nascimento de sua filha saudável, mas também descobre que sua esposa está em risco. Sua vida se desenrola rapidamente, com angústia constante e momentos de felicidade interrompidos. Desconfiança do sistema de saúde pública resulta em consequências inesperadas durante a cesariana. Renan é forçado a tomar decisões difíceis em meio a desafios contínuos.

Superado o momento de apreensão maior, em razão do estado de saúde da mulher no pós-operatório, Renan pôde vivenciar uma nova personagem. Nasce o “homem-pai”.

[...] depois que ela nasceu fomos avaliar, ter a consulta. A pediatra pediu o exame de síndrome de down [...] o exame ficava pronto em um mês, esses 30 dias foi pior do que os 9 meses de gestação, eu não demonstrava, mas ficava até 3, 4 horas da manhã acordado, minha esposa já dormindo, eu ficava na sala, fazendo promessa, aí é resultado, não deu nada disso, perfeito! E no tempo que foi correndo a gente soube da indicação de uma mamãe que também tinha uma filha com fenda, que morava em Porto Alegre e nos indicou um médico que ela disse: abaixo de Deus existe uma pessoa e essa pessoa é esse médico.

São muitos desafios para o novo “homem-pai”, diversos daqueles que conhecia trabalhando na Alemanha. Viajaram para o Rio Grande do Sul, pagaram a consulta, 500 reais: “quando você paga tudo, é rápido, no final tudo se resume a dinheiro, e então fomos”. Chegando à clínica são informados que o médico também opera pelo SUS⁴, mas o atendimento demoraria alguns meses e de acordo com este profissional, a bebê tinha que ser operada o quanto antes. Assim o narrador se expressa:

[...] ele, simplesmente nos confortou em 4 frases: sua filha vai ser perfeita, nunca vai precisar de fono [...]. dou 99,9% de certeza que o meu processo chega a esse número, garantiu que minha filha ia ser perfeita. Ele olhou minha filha, riu, isso aí não é nada, em apenas duas cirurgias sua filha vai ser perfeita e não vai precisar de fono, nem mais outra cirurgia. 23 mil reais, hospital né, médicos, anestesistas, auxiliares, perfeito. Pensei, mas bom, na situação que a gente tava, isso daí não era nada e a gente vai achar o dinheiro, não importa onde, a gente vai fazer com você.

A filha de Renan nasceu em outubro e passou por uma bem-sucedida cirurgia de reconstrução do lábio e nariz em fevereiro. No entanto, ela ainda precisaria de uma segunda cirurgia para restaurar o céu da boca, gengiva e garganta. Renan ficou impressionado com a transformação da filha e considerou o médico um verdadeiro milagreiro, seguindo suas orientações sem

hesitar. “Foi então que percebi como é difícil ficar longe da minha filha.”

Apesar da difícil situação da filha, que havia passado por uma operação e precisava de cuidados especiais, Renan precisou se organizar para retornar à Alemanha, pois a passagem já estava comprada para março. A bebê só se alimentava por sonda, precisava de cuidados com os pontos e não podia mais tomar fórmula ou leite, o que exigia uma dieta especial sem açúcar. Renan enfrentou dificuldades em aceitar a sugestão médica de usar adoçante na alimentação da filha, devido ao alto custo. Mais gastos se acumulavam às decisões que ele precisava tomar. O recém-pai logo se tornaria também o “pai que abandona um recém-nascido com os avós”.

[...] voltamos eu e minha esposa, só que quando a gente voltou, já tinha minha passagem comprada, a gente pensou a gente vai ou não vai voltar pra Alemanha? A primeira cirurgia foi 22 mil reais. E a segunda? eu não vou fazer pelo SUS, eu não quero, eu falei. Nada contra o SUS, mas a gente sabe que é mais precário e é tudo diferente, tive minhas conclusões sobre isso. Eu pensava diferente antes de ter minha filha, mas quando se passa na pele, quando você precisa realmente de um profissional, se você não pagar você morre ou você passa o resto da vida esperando por isso. Muita gente, familiares próximos disseram, por que você foi pagar, pra que foi gastar[...]? Aí eu respondo assim: se daqui uns 10 ou 15 anos eu vou te responder, eu vou perguntar pra minha filha, quando tiver 15 anos, ela vai me perguntar, se eu tivesse feito pelo SUS, se ela fosse fanha, porque é o que é, com aquela cicatriz aberta, má-formação no nariz, 15 anos de idade, adolescente na escola, será que ela não ia chegar em casa e perguntar: pai, por que você não pagou aquela minha cirurgia, deixou eu fazer pelo SUS, com outro médico? As vezes não, mas minha cabeça ia ficar assim matutando, por que eu não paguei, [...] pela felicidade da minha filha, ela não estaria assim. Então hoje tenho certeza que foi um dinheiro bem investido, que eu pagaria o dobro, o triplo pra ver ela feliz e ter uma adolescência normal, se encaixar bem na sociedade. Porque tem muitas crianças, depois que eu conheci essa vida, que é,

⁴ Serviço público de saúde vigente no Brasil.

é terapia todo tempo, porque não se enquadra na sociedade, as pessoas não aceitam. Por ser fanha, ter nariz torto, dente torto, ter cicatrizes, eu não quero ser melhor do que ninguém, mas minha filha não tem nada disso!

Renan ao decidir voltar para a Alemanha e deixar a filha com poucos meses e recém operada, com os pais idosos se questiona: “será que estou fazendo certo? Será que estou sendo um mau pai e minha esposa é uma má mãe?”. Surge a personagem “mau-pai”.

[...]abandonar minha filha, pelo fato do dinheiro? Conseguir dinheiro pra fazer a outra cirurgia, porque eu dizia, eu não quero fazer pelo SUS, eu vendo minha casa, eu vendo tudo, eu vou fazer com esse médico porque ele mostrou pra mim que ele realmente é Deus, pra esse tipo de criança. E a gente foi, mas se minha mãe dissesse pra gente não vir, a gente não vinha. Mas ela disse vai meu filho, ganha a cirurgia da tua filha, volta que depois tu vai sentir no começo, mas depois quando tu voltar, tu vê tua filha bem e vai dizer é, valeu a pena, tua filha vai ser bem cuidada e a gente é velho, mas a gente dá conta. [...] meu pai nunca trocou uma fralda na vida, nem nos próprios filhos, teve que aprender com a minha filha. Por isso que eu pensava, bah, tô sendo um bom filho? Um bom pai? Deixar minha filha 8 meses aqui, então a gente veio, trabalhamos, fizemos toda a temporada até outubro e voltamos, e eu vi meu pai e minha mãe mais velhos sabe (voz embargada) tinha no olhar, sentia no olhar da pessoa que ela tá diferente, que ela tá exausta, que ela tá acabada, que ela precisa de ajuda e eu sei que foi por causa de mim. Eu abandonei a minha filha, eu pensava, deixar com meus pais, com a minha mãe. E todos me julgavam porque abandonei minha filha recém-nascida com velho. Queria chamar o conselho tutelar, que os pais são irresponsáveis, que deixaram um bebê com seus avós, só que não sabiam porque a gente tava aqui e eu também nunca quis responder, porque eles nunca iriam entender, é igual uma pessoa que tem depressão, os outros nunca vão entender, podem compreender, mas entender, acha que é coisa da

cabeça, porque minha esposa ela é muito depressiva, sabe? E eu entendo, hoje sendo marido dela, o que ela passa, só eu sei, mas outras pessoas dizem que é frescura, não consegue levantar da cama, vai isso é falta de serviço, né?

Renan, o “mau-pai”, enfrentará muitos desafios a partir de agora. Além de questionar sua decisão de abandonar um recém-nascido com pais idosos, ele sente culpa. Sua mãe, com 66 anos, e seu pai, com 69, estão exaustos. À distância, na Alemanha, Renan ouve que “está tudo bem”, mas, ao retornar após sua temporada de trabalho, encontra seus pais mais envelhecidos. Descobre que sua mãe passou mais de 40 dias sem dormir, preocupada com a respiração da bebê. No entanto, Renan percebe que, apesar das dificuldades, sua filha se tornou a razão de viver de seus pais: “Ela os uniu muito. Eles parecem gostar mais da neta do que dos próprios filhos.”

Chega o momento da segunda cirurgia. Renan pensa que será mais fácil, já que a filha está mais velha.

Mas foi pior, bom, pior eu não sei né, quem sabe da primeira é minha mãe e meu pai né, o que eles passaram ne, [...] logo que cheguei um mês depois a gente fez, foi perfeição e com o coração triste, eu me botei no lugar do meu pai e minha mãe. Como é que eles conseguiram só os dois? Meu Deus do céu. Eu que sou mais novo não tô aguentando, que é difícil cuidar dessa criança pós operada, a criança não dormir, não conseguir comer comidas normais, tudo no líquido, graças a Deus, passou tudo, foi liberada pra todo tipo de comida, foi na consulta de volta pra avaliar um mês, dois meses depois. O médico olhou pra ela e ela começou a falar!

Renan ouve sua filha pronunciando a primeira palavra no consultório e não é “papai ou mamãe, mas sim titia!”. “Minha história é um pouco triste [...] nesse meio tempo minha irmã faleceu e ela era muito apegada a minha irmã, minha irmã também cuidava muito dela [...]. Ela ainda não falava papai e mamãe [...] e quando foi no consultório o médico foi examinar e ela falou, olha, titia!”

O narrador expressa sua decepção ao ouvir a primeira palavra da filha, o que ofuscou até mesmo o comentário do médico sobre seu ótimo desenvolvimento e a desnecessidade de apoio fonoaudiológico. Apesar dessa boa notícia, outras informações sobre a saúde da criança surgiram. Ela nasceu surda, com sopro no coração e “um monte de problemas”. O narrador menciona: “Resumindo, nós voltamos para a Alemanha, e ela ficou com o pai e a mãe, já perfeita, sem precisar de cuidados intensivos e capaz de comer normalmente.” Surge, então, a personagem que representa a “pessoa má que só pensa no dinheiro e abandona a filha”.

Mas só que daí veio de novo a minha dúvida. A gente tá indo pra quê? Como é que a gente vai deixar a nossa filha? Por que a gente tá de volta? Por dinheiro? Será que isso me faz uma pessoa má, que só pensa no dinheiro, que é capaz de abandonar a filha pra poder ter dinheiro? [...] é o preço que a gente paga. Infelizmente, o que a gente tá ganhando aqui na Alemanha a gente tá perdendo lá, o tempo que nossa filha tá crescendo, os primeiros passos, a primeira fala, as coisas novas que ela aprende na escolinha, isso a gente tá perdendo tudo! É o preço que a gente paga, [...]! Não é um mundo de flores, totalmente de flores, não é! Então agente voltou e agora, eu tenho minha casa, mas ela não é cem por cento pronta, como é que vou conseguir um emprego rápido, porque a gente se acostuma com aqui, as pessoas que vem muitos anos aqui, a realidade muda, a mente da pessoa muda quando ela vem pra cá, eu tenho amigos que faz 13 anos que vem, que tem tudo no Brasil, já tem sua casa, seu carro, um bom dinheiro aplicado, casa alugada e ainda continua vindo e dizem sempre que será o último ano e quando chega no Brasil eles voltam, eles pensam em voltar, porque, aqui tá acostumado com o dinheiro [...] e meu Deus que eu vou ser esse tipo de pessoa que vou me acostumar com a vida daqui, com o dinheiro daqui e quando tiver no Brasil não vou querer ficar? E minha filha? Mas, eu botei um propósito na cabeça: Agora será pra ela. Eu tenho que ter minha casa, tenho que fazer minhas coisas dentro de casa, minha casa tá pronta, mas falta assim uns 50 por cento ainda pra terminar e como é que eu vou conseguir dinheiro?

Renan enfrenta angústias e questionamentos ao decidir ir e vir para a Alemanha. Amigos tentaram levar os filhos, mas a dinâmica dificultava o dia a dia e causava confusão nas famílias e nas crianças. Ele admite estar no país por motivos financeiros, não por gostar, mas reconhece que a filha teria uma boa educação lá e não a impediria de seguir seus próprios desejos futuramente.

Ainda em meio as reflexões, sobre levar ou não a filha consigo para o país, relata que retornar ao Brasil não é uma hipótese considerável, pois com um salário de 2000 reais não conseguiria cuidar da filha e nem terminar detalhes que julga importantes em sua casa, como um portão para o quintal e outros itens de segurança que uma criança pequena necessita.

O momento de maior angústia, no entanto, é revelado quando Renan afirma que seu maior receio é levar sua filha para a Alemanha e separá-la de seus pais.

Meu pai e minha mãe, eu vou botar os dois no caixão. Porque a felicidade que eles tão tentando adquirir após o falecimento da minha irmã, é minha filha, tão tentando superar isso com a minha filha, através da minha filha e eu sei que se eu tirar minha filha de lá e trazer pra cá, eles morrem, tenho certeza. E todo dia eu penso no assunto! O que acontece se meu pai ou minha mãe morrer? Enquanto tô aqui? Como vai ser minha reação? O que vai acontecer? Eu guardo pra mim, nem nunca falei pra ninguém, será que sou bom pai? Todos os anos da vida dela fiquei apenas nas férias com ela? Isso, quem vai me responder? O meu pai?

DISCUSSÃO

A narrativa de Renan pode ampliar a compreensão do fenômeno que envolve a imigração e as filigranas das relações de poder que engendram políticas identitárias que mantêm a liminaridade e sua relação com a mesmice - aparência de não metamorfose. Para Ciampa (2001) a mesmice equivale a um trabalho de re-posição de uma identidade posta, impondo dificuldades ao alcance do ser-para-si. Importante considerar-se o que Lima (2010) pontua quanto a possibilidade de transformação da personagem em um fetiche, que oculta a natureza da identidade como metamorfose. As citações que seguem iluminam o tópico; há uma aparência de não-metamorfose, que precisa ser entendida como uma metamorfose por reposição (de pressupostos), que cria a impressão de um “mesmo” que não muda (Ciampa, 2003, p. 2). O trabalho de reposição sustenta a mesmice.

Este estudo discute a abordagem da mesmice por Ciampa (2001) e explora a noção de liminaridade, conceito desenvolvido por Victor Turner (2013) a partir dos ritos de passagem. Turner se baseia nos rituais de passagem, como transições de idade e pertencimento em diferentes sociedades, para explicar os “estados liminares” - momentos entre fases de transição, caracterizados por incertezas e adaptações. Esta abordagem ajuda a compreender as experiências dos sujeitos de Urussanga-SC durante seus ritos de passagem e transições, assim como a forma como lidam com a dualidade entre Alemanha e Brasil em suas vidas. Em estudo anterior (Portuguesis, 2018) percebeu-se a questão envolta pela vivência da condição liminar como principal entrave à saúde mental dos imigrantes. A não concretização de seu projeto migratório e extensão do tempo entre lugares foram os principais disparadores apontados ao abordarem prejuízos em suas vidas.

Esses indivíduos estão ligados a uma dinâmica que se inicia na socialização, relacionada à construção de pertencimento e origem. Desenvolvem orgulho de serem descendentes de italianos e buscam afirmar suas identidades, não apenas em festas populares ou nas relações familiares, mas também na obtenção do passaporte italiano. Com isso, almejam trabalhar na Alemanha, onde são reconhecidos como cidadãos

italianos e têm acesso a oportunidades que não estão disponíveis para quem não possui o passaporte.

Essa dinâmica envolve fatores relacionados às políticas de identidade do grupo social majoritário, que influenciam a constituição de identidades e a definição de projetos de vida. Muitos buscam um projeto que, embora aprisionador, promete a possibilidade de ganhar dinheiro rápido vendendo sorvetes na Alemanha e retornar ao Brasil com a casa própria construída.

No entanto, esses planos muitas vezes não se concretizam como esperado. Ao retornarem ao Brasil, os ítalo-brasileiros enfrentam dificuldades para manter suas casas, encontrar boas oportunidades de emprego e retomar o padrão de vida que tinham na Europa, onde os salários eram mais altos. Essa comparação entre os ganhos em reais e a valorização do euro gera um sentimento de “retrocesso”.

O projeto é falível desde sua concepção. O encantamento inicial dos jovens ítalo-brasileiros com as possibilidades de ganho se esvai ao retornarem à sua terra de origem, percebendo que não alcançaram seus objetivos na Europa. Além disso, há relatos de esgotamento e prejuízos nos relacionamentos, dificultados pela falta de contato com amigos e familiares durante os longos deslocamentos. Mesmo com os avanços tecnológicos, a presença física em eventos importantes, como nascimentos, casamentos e velórios, não pode ser substituída.

Um ponto importante é o esvaziamento do projeto de vida, causado pelos fatores mencionados e pelo tempo prolongado em trânsito entre diferentes realidades. Quanto mais tempo se permanece nessa condição, maior a sensação de vazio. O objetivo “ganhar dinheiro” é destituído de sentido, pois não é aplicável, sua finalidade se esgota e o tempo para o desenvolvimento e investimento em outras áreas da vida se esvai, resultando em dificuldades para concretizar planos para além do ganho financeiro.

Reiteramos que esses indivíduos estão em uma situação liminar, “nem lá nem cá”, e não conseguem vislumbrar uma mudança, permanecendo na rotina e na repetição de seus papéis, sem avanço em suas utopias. Para muitos, além do desejo de ganhar dinheiro, não há reflexão sobre seu lugar existencial. Os poucos

que desistem dessa vida em trânsito acabam, segundo nosso entrevistado, retornando a ela.

A condição liminar nos ajuda a entender o modo de vida estabelecido, aliada à teoria de identidade de Ciampa (2001) e à compreensão das políticas de identidade em vigor na constituição das identidades. Auxilia o vislumbre sobre (im)possibilidades e limitações da emancipação e, até mesmo, da humanização, encaminhando a manutenção de personagens fetichizadas, tal como se expressa a masculinidade de Renan, atrelada a modelos pré-determinados que impedem o reconhecimento e o desenvolvimento do ser-para-si, da autocompreensão e individuação que viabilize ações autônomas.

Fato é que, em meio a essa trama, os indivíduos se culpabilizam por não terem dado certo, por não acompanharem o desenvolvimento de seus filhos ou pelas perdas familiares que enfrentam ou antecipam à distância. A condição liminar não afeta apenas os indivíduos em trânsito, mas também os familiares que permanecem no Brasil e os filhos que aguardam o retorno do pai.

É importante manter o otimismo. Embora a leitura deste caso possa gerar previsões pessimistas, autores como Sardinha (2015) e Beichelt e Valentin (2020) discutem a liminaridade nos espaços de transição, sugerindo a emergência de um “terceiro elemento” (Bhabha, 2013). Essa perspectiva indica a possibilidade de desenvolver maior autonomia, acumular experiências e promover saltos qualitativos na formação de um eu híbrido-transnacional.

O movimento da identidade como metamorfose, com possibilidades de emancipação, (Ciampa, 2001) possibilita a concretização deste terceiro elemento, conforme sugerem os autores mencionados. No entanto, é preciso considerar os contextos sócio-históricos das migrações, os interesses contraditórios, as assimetrias de poder, questões de gênero e a razão instrumental, que podem dificultar o surgimento do terceiro elemento como ponte para fragmentos de emancipação.

Aliado ao contexto social e constitutivo da masculinidade, entendemos que Renan, em sua situação imigrante, socializado de modo a reproduzir a dinâmica e as políticas de identidade de seu Município - que

incita a ideia de imigração como sucesso e ascensão financeira, atrela-se, também, a um contexto de banalização do que representa a manutenção da vida entre lugares, tomado pelos contornos da ideologia.

Marilena Chauí (2008) define a alienação como a falta de identificação e conexão do indivíduo com seu trabalho e ambiente, levando ao desenraizamento-desidentificação. Isso resulta em observar a própria vida sem elaboração de significado às atividades. A alienação também inclui a realização de tarefas de forma mecânica, sem envolvimento emocional ou crítico, e a falta de consciência social e política, levando o indivíduo a aceitar injustiças e desigualdades impedindo-o de agir de forma livre.

CONCLUSÃO

Quando o homem se defronta com um espaço que não ajudou a criar, cuja história desconhece, cuja memória lhe é estranha, esse lugar é a sede de uma vigorosa alienação (Santos, 2014, p. 81).

Renan não consegue viver plenamente o presente, também não consegue vislumbrar o futuro. Sua trajetória de vida, planos migratórios e planos de futuro são atravessados, para além das questões de saúde da filha e receios quanto à falta de dinheiro, pelo modo como performa sua “masculinidade”. O sentido que empreende ao modo como vivencia o que entende como “ser forte”, nos apresenta a linha de construção de uma identidade mito, no sentido de obrigatoriedade de performar conforme a sociedade prega. Logo, o modo como busca superar as adversidades, tal como observamos em suas personagens, lança luzes à reprodução do fenômeno, bastante comum, de que o homem deva ser forte e assim seguir adiante, sem grande reflexão, atuando em prol da resolução eficaz dos problemas.

Os resultados da análise de sua narrativa apontam como a identidade paterna atrelada ao contexto de dificuldades financeiras pode ressaltar a exacerbação do papel ideológico da crença na performance creditada ao masculino. Tal crença nesta identidade mito dificulta a elaboração dos problemas no presente, inviabilizando o vislumbre do futuro e surgimento de personagens com potencial emancipatório.

A busca por uma utopia possível exige que os cidadãos de Urussanga se libertem das amarras impostas pela política de identidade colonizadora, e se tornem autônomos em uma democracia verdadeira, conforme postulado por Milton Santos (2014). É essencial repensar como as crianças estão sendo criadas e a que infâncias estão sendo proporcionadas, a fim de construir uma sociedade mais justa. A reflexão sobre as estruturas sociais e econômicas vigentes deve provocar a busca por novos caminhos de superação, distantes da submissão e da manutenção de condições opressoras. É preciso transformar as lógicas estabelecidas e almejar uma comunidade verdadeiramente emancipada.

AGRADECIMENTOS

Pesquisa realizada com financiamento da CAPES.

CONFLITOS DE INTERESSES

As autoras declaram não ter conflitos de interesses.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Portugueis, D. (2018). *Vidas em trânsito: ascensão financeira e o enredo identitário que aprisiona na condição liminar*. Sorveteiros ítalo-brasileiros entre Itália, Alemanha e Brasil como (não) lugares (Tese de doutorado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Psicologia Social.

Alves, C. P. (2017). Narrativas de história de vida e projeto de futuro no estudo do processo de identidade. *Textos e Debates*, 1(31), 33-41. <https://doi.org/10.18227/2317-1448ted.v1i31.4255>

Alves, C. P. (2021). Sintagma identidade-metamorfose-emancipação. In C. P. Alves, S. C. Miranda, D. Portugueis, & C. S. Nascimento (Orgs.), *Metamorfoses do mundo contemporâneo* (pp. 13-42). EDUC.

Antunes, M. S. X. (2012). A compreensão do sintagma identidade-metamorfose-emancipação por intermédio das narrativas de história de vida: uma discussão sobre o método. In A. F. Lima (Org.), *Psicologia Social Crítica: paraxes do contemporâneo* (pp. 67-84). Sulina.

Antunes, R. (2020). *O Privilégio da Servidão. O novo proletariado de serviços na era digital*. Boitempo.

Augé, M. (2017). *Não lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Papitus.

Beichelt, T., & Valentin, L. (2020). *Liminality and transnationalism: Two forces upon shifting borders in contemporary Europe* (Working Paper Series B/Orders in Motion No. 7). Viadrina.

Bhabha, H. (2013). *O Local da Cultura*. UFMG.

Chauí, M. (2008). *O que é ideologia*. Brasiliense.

Ciampa, A. da C. (2001). *A estória do Severino e a história da Severina: um ensaio de psicologia social*. Brasiliense.

Ciampa, A. da C. (2003). A identidade social como metamorfose humana em busca da emancipação: articulando pensamento histórico e pensamento utópico. In *Congresso Interamericano da Sociedade Interamericana de Psicologia*, 29 (pp. 1-15). (Mimeo).

Durand, J. (2015). A arte de pesquisar sobre migrações: pressupostos metodológicos para a pesquisa em ciências sociais. In J. Durand & C. Lussi (Orgs.), *Metodologia e Teorias no Estudo das Migrações* (pp. 7-41). Paco Editorial.

Griebeler, D. (2015). *Sujeitos emblemáticos à luz do sintagma identidade-metamorfose-emancipação: produções acadêmicas do NEPIM* [Dissertação de mestrado não publicada]. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Lane, S. T. M. & Codo, W. (Orgs.). (1984). *Psicologia Social. O Homem em movimento*. Brasiliense.

Lima, A. F., Ciampa, A. da C., & Almeida, J. A. M. (2009). Psicologia social como psicologia política? A proposta de psicologia social crítica de Sílvia Lane. *Revista Psicologia Política*, 9(18), 223-236.

Lima, A. F. (2010). *Metamorfose, anamorfose e reconhecimento perverso: a identidade sob a perspectiva da psicologia social crítica*. EDUC.

Lima, A. F. (2014). História oral e narrativas de história de vida: a vida dos outros como material de pesquisa. In A. F. Lima & N. Lara Júnior (Orgs.), *Metodologia de pesquisa em psicologia social crítica* (pp. 13-34). Sulina.

Lima, A. F., & Ciampa, A. da C. (2017). “Sem pedras o arco não existe”: o lugar da narrativa no estudo crítico da identidade. *Psicologia & Sociedade*, 29, e171330. <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2017v29i171330>

Martins, J. S. (2023). *Capitalismo e escravidão na sociedade pós-escravista*. Unesp.

Miranda, S. C. (2019). O estudo das migrações a partir da Psicologia Social: uma perspectiva crítica. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 19(3), 566-582. <https://doi.org/10.12957/epp.2019.46903>

Muylaert, C. J., Sarubbi, V., Gallo, P. R., Neto, M. L. R., Reis, A. O. A. (2014). Entrevistas narrativas: um importante recurso em pesquisa qualitativa. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 48 (Esp2), p. 193-199.

Redin, G. (2022). *Psicologia social da vulnerabilidade do migrante internacional*. Editora da UFSM.

Said, E. W. (2003). Reflexões sobre o exílio. In E. W. Said, *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios* (pp. 46-60). Companhia das Letras.

Said, E. W. (2021). *Fora do Lugar: Memórias*. Companhia das Letras.

Santos, M. (2014). *O espaço cidadão* (7ª ed.). Edusp.

Sardinha, J. (2015). Idyllic seekers and liminal beings: lifestyle migration in central Portugal. In K. Torkington, I. David, & J. Sardinha (Eds.), *Lifestyle migration practices* (pp. 33-51). Cambridge Scholars Publishing.

Sayad, A. (1998). *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. Edusp.

Turner, V. (2013). *O processo ritual. Estrutura e antiestrutura*. Petrópolis.

Veiga, A. C., & Alves, C. P. (2020). O relato da história de vida à luz do pensamento de Walter Benjamin: contribuições aos estudos de identidade. *Psicologia USP*, 31, e190072. <https://doi.org/10.1590/0103-6564e190072>

Yin, R. K. (2001). *Estudo de caso: planejamento e métodos* (D. Grassi, Trad.). Bookman (Trabalho original publicado em 1984).